

# humanitas

**Vol. XVII–XVIII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

*J. M. L.*

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XVII E XVIII



COIMBRA  
MCMLXV · LXVI



Adriana Della Casa, Le concordanze del «Corpus Tibullianum».  
 Pubblicazioni dell'Istituto di Filologia Classica e Medioevale  
 deU'Università di Genova: 17. Genova, 1964. 235 pp.

Com excepção dos índices, insuficientes ou envelhecidos, de algumas edições de Tibulo, ou do repositório parcial, limitado aos vocábulos eróticos, de Pichón *{De sermone amatorio apud Latinos elegiarum scriptores}*, Paris, 1902), não existia um léxico do *Corpus Tibullianum* nem sequer concordâncias do tipo das publicadas para Virgílio, Horácio e Ovídio. Facto singular — observa justamente a autora do presente trabalho —, quando é certo que, «para estes três poetas (a *Appendix Vergiliana* constitui um caso à parte) não há dúvidas sobre a autenticidade das suas composições, ao passo que, para Tibulo, todo o livro III é atribuído ou atribuível a poetas diversos [...]: Lígdamo (1-6); o autor do *Panegírico a Messala* (7); o autor ou autores do duplo ciclo das poesias de Sulpícia (8-12; 13-18); e, por fim, o poeta das composições finais (19-20)» (p. 7).

Depois dos esforços de Lachmann, Haupt, Baehrens, Hiller, Vahlen, Postgate, Cartault, Calonghi, Ponchont, a última edição de Lenz (Leida, 1959) oferece — a despeito de numerosos erros tipográficos, fáclmente sanáveis — um texto criticamente seguro e rico de confrontos, que serviu de base, como era de esperar, ao índice elaborado por Delia Casa. Desse texto, a autora apenas se afasta uma que outra vez para assinalar a lição de O («consensus codicum A[mbrosiani] V[atricani] Ber[jiani]»), que, no seu entender, representa «o melhor da tradição manuscrita tibuliana» (p. 8). Nos casos de interpretação embaraçosa, Delia Casa aproveitou os ensinamentos de vários filólogos italianos (Ciaffi, Riposatí, Alfonsi, Paratore, Pepe, Baligan, Tescari, D'Elia), que, nos últimos decénios, têm contribuído com fervor para o esclarecimento do problema tibuliano.

Na compilação do seu reportório, a autora adoptou como modelos as concordâncias de Horácio, por Cooper (Cambridge<sup>2</sup>, 1961), e de Ovídio, por De Ferrari-Barry-McGuire (Washington, 1939). «As citações sucedem-se na própria ordem progressiva dos livros» em que se encontram, e não «divididas segundo as formas morfológicas em que os vocábulos se apresentam» (p. 8): critério discutível que prejudica, nos artigos mais longos, a imediata relação de construções similares. Como discutível é também a omissão do texto dos versos em que figuram algumas partículas (*et, et iam, nam, -ne, nec, neque, neu, neue, non, -que, sed, -ue, uel*): a referência seca é muito menos estimulante para o investigador e representa, afinal, no corpo de uma obra de mais de duzentas páginas, a economia precária de dez ou doze. Que isto se faça para autores copiosos — como Heródoto, Luciano, Cícero, Tito Lívio... —, ninguém o estranha: mas num texto reduzido — como o do *Corpus Tibullianum* —, o lucro parece inferior à perda. Boa prática, ao invés, é a menção, para cada artigo, de sentidos completos, mediante a inclusão das palavras essenciais que precedem ou seguem o verso transcrito. Já a adopção sistemática de uma grafia latina unitária e «actualizada» (*aspicio*, mas *adnecto; immitis; comperio; equus nom.*;

*formosus*; acus. pl. em -es) poderá suscitar algumas discordâncias, sobretudo em livro, como este, de intenções científicas.

Apresentação sóbria e agradável: embora pequenos, os caracteres tipográficos são claramente legíveis. Revisão atenta, como se impunha em obra deste género. Um livro de utilidade manifesta, quer para o estudo da *uexata quaestio* tibuliana, quer para o das relações entre os poetas do círculo de Messala, quer enfim para o da influência de Tibulo na poesia humanística. Porque se não decide a autora, na próxima edição, a transformar estas *Concordanze* em um léxico completo do poeta da «rêverie» e dos seus acólitos?

W. S. M.

Juvenal, *Saturae* III, IV, V. Édition, introduction et commentaire de René Marache. «Érasme» (Collection de textes latins cornmentés à l'usage de l'enseignement supérieur): 15. Paris, Presses Universitaires de France, 1965. VIII143 - pp.

Juvenal não figura entre os autores predilectos da escola, e é raro que uma antologia das suas sátiras apareça no catálogo dos editores que publicam textos comentados para uso dos estudantes do liceu ou da universidade. Pérsio, e até o epigramatista Marcial, têm obtido melhor fortuna. Mas o prazer com que se recebe este pequeno volume da colecção «Érasme» é mareado pela observação — inevitável — de que uma ou duas das sátiras apresentadas poderiam, com vantagem para o poeta e para o leitor, ser substituídas por outras mais expressivas ou mais importantes. A sátira 3 é indiscutível, a 4 um pouco menos, mas a 5 ocupa abusivamente um lugar que melhor caberia à 1, à 6, à 9 ou à 10, superiores, de resto, pela matéria ou pela forma, à própria sátira 4.

Marache previu a objecção e alegou, citando por sinal o caso da sátira 1, que a regra da colecção o impedia de publicar obras não «completas» e que, por conseguinte, lhe era vedado apresentar uma «selecção» (pref., p. V). Se consultarmos, porém, a lista dos textos da «Érasme», verificaremos que, dos quinze volumes publicados, apenas cinco, isto é, um terço, são rigorosamente obras «completas»: *De breuitate uitae* e *Phaedra* de Séneca, *Bucólicas* de Virgílio, *Curculio* de Plauto e *Dialogus de oratoribus* de Tácito (?). Todas as outras são parcelares (livro I das *Histórias* de Tácito, XIII dos *Anais* do mesmo historiador, I de Livio, I da *Guerra Civil*, II e III da *Guerra Gaulesa* de César, I dos *Fastos* de Ovídio, I da *Farsália* de Lucano e I das *Elegias* de Tibulo), à excepção do «Conto de Amor e Psique», que é extraído de três livros (IV.28-VI.24) das *Metamorfoses* de Apuleio. Ora este volume de Juvenal nem sequer abrange um livro completo, porque lhe faltam, para tanto, as sátiras 1 e 2: encerra apenas, em sequência ininterrupta, as últimas três do livro I. Salvou-se, deste modo, «a regra da colecção»? É difícil responder afirmativamente. Se, ao invés, cada sátira — transcrita sem omissões — for de considerar, como